

# GANANDRYA

A Maldição de Sangue



A.R. RUANO

TOP  
SEL  
LER  
#BLISS

*Para a Clarinha*

Lembrava-se de ficar fechado na sua mente, sozinho. De tentar parar o que acontecia à sua frente. De falhar. Lembrava-se do medo, da vergonha, da culpa. Lembrava-se das coisas de que não se queria lembrar.

Do sabor a terra, do ar irrespirável.

Lembrava-se da magia de sabor a sangue.

# I



— **P**roponho um brinde! — diz Oliver, levantando-se. — Em homenagem ao nosso amigo Andreas, que em breve já não estará entre nós.

Quatro copos juntam-se. Faíscas coloridas envolvem os copos, cortesia de Monika, que já está um pouco alegre. Quando se separam, as faíscas dissipam-se como nuvens. Algum brilho reflete-se na maquilhagem dos bruxos. Sempre vistosa, como ditam as modas da capital.

— Sabes que ele não vai morrer, não sabes? — diz Helena, depois de pousar o copo.

— Não brinques com as minhas emoções — pede Oliver, servindo-se de novo. O vinho sai, esvoaçando até ao copo. — Um aristocrata a sair da capital para ir viver com o povo. É um assunto muito sério. Vai ter de aprender a dobrar peúgas. Verdadeiramente inspirador.

Andreas encosta-se, rindo da troça de Oliver. Já está habituado aos comentários do amigo acerca da sua linhagem aristocrata. Vindo do «povo», do qual se considerava parte, assim como a irmã, Helena, aprendeu desde cedo a não respeitar pessoas de estatuto elevado. Especialmente quando a própria mãe adquiriu esse estatuto com muito trabalho, mais do que a maioria dos bruxos da antiga aristocracia todos juntos.

Apesar dessa antipatia generalizada por aristocratas, querer continuar a ser amigo de Andreas é visto quase como um orgulho, se bem que Andreas também não é um aristocrata como os outros.

— Vais de comboio, não é? — pergunta Oliver.

— Sim, logo no das 6h30.

Oliver ri-se.

— Imagina o aristocrata no comboio — troça. — A tua mãe deve ter odiado.

— Tenho a certeza de que Kate Aurum tem confiança no filho mais novo — diz Monika, que já conhece a família de Andreas desde a infância, ou não fizesse ela também parte da antiga aristocracia.

Neste caso, a tolerância de Oliver é estratégica. A última coisa que ele quer é arranjar problemas com a irmã, que está neste momento ocupada a apertar os dedos a Monika e a segredar-lhe algo, antes de lhe beijar os lábios.

Andreas prefere não comentar a verdade. Tinha sido uma luta tremenda para convencer os pais a deixá-lo ir para Ganandrya de transporte público em vez de levar um dos inúmeros carros da família. Já tinha sido uma vitória ele não levar um conjunto de criados atrás, algo que os pais insistiram durante meses. «És o bruxo mais novo a quem deixaram fazer estudo de campo pela faculdade, não um criado das limpezas», tinha-lhe dito a mãe.

Nenhuma persuasão dos pais foi suficiente para o demover. Esta recusa de Andreas era apelidada, com alguma ironia, por Oliver como «a rebeldia do aristocrata».

Claro que oficialmente não eram aristocratas, esse título tinha desaparecido há duzentos anos, juntamente com a queda da monarquia, embora na prática a influência seja a mesma. Não se tem uma família cujas origens remontam à formação do reino, sem benefícios. Ainda que não oficiais. Afinal, não é difícil abrir um livro de História e ver os suaves olhos dourados dos Aurum em locais de destaque ao lado de reis. Não há motivo para deixarem de estar perto de quem tem poder só porque os líderes têm outro nome.

# PRÓLOGO



**E**xiste a crença de que a magia não tem cheiro. A magia é vista como um pulso de energia criado por bruxos e fadas, com capacidade para efeitos que podem ser tão extraordinários como corrosivos. Foi a ferramenta que tinha permitido ao país desenvolver-se e florescer, mas foi também um instrumento de dor e perseguição quando foi criado.

A magia não era apenas energia que criava efeitos físicos. Tinha sabor, tinha tato, tinha forma, tinha cheiro.

Lembrava-se daquele dia, há tantos anos, numa noite sem estrelas, mergulhada numa escuridão que afogava, que se tinha colado ao corpo e que se prolongava até hoje. A magia era o ácido debaixo da pele, que ainda deixava marcas. Era sentimento de solidão, de perda, a sombra de uma escolha errada de há tanto tempo.

Lembrava-se dos gritos, das gargalhadas de quem o tinha atacado. Dos dedos da irmã a agarrarem com urgência a sua mão, procurando em vão protegê-lo dos vultos que os circundavam. Da forma como os pais tentaram alcançá-lo. Não conseguiram. Nunca o conseguiriam.

Lembrava-se da rigidez da magia a apertar-lhe os membros, a toldar-lhe o espírito. De os pulmões se encherem de pó, de se queimarem, e, de repente, de deixar de ser corrompido.

Andreas não questionou o quão fácil foi para ele reservar uma sala privada num dos melhores restaurantes da capital, apesar da lista de espera interminável.

Decisão que se revelou particularmente inspirada, porque se outras pessoas pudessem ouvir todos os brindes dramáticos de que Oliver se lembrava, Andreas já teria morrido de vergonha. Apesar disso, as bochechas doem-lhe de tanto sorrir.

Monika pousa a cabeça no ombro de Helena.

— Depois tens de dizer onde ficas para te visitarmos — pede, enquanto Helena brinca distraidamente com o cabelo castanho e volumoso da namorada. Alguma da maquilhagem avermelhada de Monika, e dos pontos pretos cuidadosamente colocados à volta dos seus olhos, estão a esfumar-se e a passar para a manga de Helena. — Sempre vais ficar em Vardedrya, onde está o instituto?

Andreas pousa o copo na mesa. Aquela é a pergunta que não lhe apetece responder. Já sabe que vai dar discussão, tal qual deu em casa.

— Vou para Ganandrya. É lá onde está o principal da minha investigação. Eu sei dos rumores — acrescenta, quando vê que Oliver está pronto para abrir a boca —, mas não me preocupam. Esta decisão não é negociável, já tive esta conversa com os meus pais, e não vou voltar a tê-la com vocês.

Não é invulgar ouvir-se ataques ou ocorrências estranhas na zona envolvente a Ganandrya. Diz-se que o local está «amaldiçoado», mas não faz sentido. Não existe o conceito de «local amaldiçoado». Andreas é especialista em maldições, e nunca na vida estudou isso. Tinha existido, isso sim, uma maldição terrível, em que um bando de bruxos tinha amaldiçoado os vampiros da zona. Tinham conseguido controlá-los, roubando-lhes a vontade e usando-os como soldados e peões. Daí a dizer que o que fora amaldiçoado era a própria zona de Ganandrya, não tinha fundamento nenhum. Era só superstição.

— E não te preocupam as bombas que ficaram das guerras? De há uns tempos para cá, mais ou menos três anos, têm morrido

cada vez mais pessoas devido a explosões mágicas — diz Monika, preocupada. — E tu sabes a fama dos vampiros — acrescenta, baixinho, como se pudesse ser ouvida por mais alguém fora do grupo.

— Monika — repreende Helena.

— Desculpa, meu amor, mas é verdade. Por vezes, existem problemas entre eles.

— Acho que nos estamos a esquecer da verdadeira razão pela qual o nosso Andreas vai para Ganandrya — diz Oliver, dramaticamente.

Andreas levanta uma sobrancelha, à espera do que iria sair dali. «Noite das Luzes», diz o seu amigo com os lábios.

Andreas ri-se.

Os polegares envolvem a borda do cálice à sua frente. A última festa da Noite das Luzes tinha sido especial, a melhor que teve em anos. Quem diria que ficar preso num edifício da faculdade por causa de uma maldição estúpida teria culminado na decisão de ir para Ganandrya?

— Seria bom saber quem ele era — admite. Podia agradecer-lhe. — Ganandrya é uma região grande. Duvido que o volte a encontrar.

— Mas ouviste a voz dele. — Os olhos de Oliver brilhavam.

— Sim, através de um telefone público ranhoso do outro lado da rua — retorque Andreas. — Nem reconheceria a voz da minha própria mãe.

E, no entanto, pensa para si, tinha sido o suficiente para falar com ele, o estranho vampiro que tinha precisado de ajuda para encontrar o caminho, perdido no labirinto da capital. Foi ao ajudá-lo que encontrou o seu próprio rumo.

Os pensamentos são interrompidos por Oliver, que pouisa a mão no peito de forma emocionada.

— Tu disseste-nos que ele tinha ido ver um concerto de piano de uma artista que gostas. Vocês têm os mesmos gostos! E se... ele for o amor da tua vida?

Andreas cospe o vinho que está a beber.



— Isso seria um escândalo — continua Oliver. — Um vampiro do povo e um bruxo aristocrata. E é por isso que seria perfeito. Ele podia ensinar-te a lavar peúgas. Vou dar a ideia ao grupo de teatro para o qual estou a fazer a roupa. Eles estão numa produção chatíssima neste momento, o que é um desperdício, tendo em conta os figurinos que lhes dou.

Oliver decide então mudar radicalmente de assunto, começando a fazer um longo e exaustivo questionário a Andreas sobre lides domésticas. Que Andreas ia falhando, miseravelmente.

A sala vai ficando mais quente, com a pressão e o álcool a fazerem o seu trabalho. Depois da sobremesa, Andreas desculpa-se e sai para a varanda do restaurante. Monika acompanha-o. Dá-lhe o braço e pousa a cabeça no ombro de Andreas.

— Estás mesmo feliz. Consigo ver isso.

— Estou. Mentiria se não dissesse que parte de mim não está apreensiva para o que aí vem. Especialmente depois do questionário do Oliver. Temos mesmo de separar roupa colorida de roupa branca?

— Penso que as lições de sobrevivência da tua tia-avó te vão ajudar.

— Espero que sim — diz Andreas. Toca pensativo no primeiro botão do seu colete. A magia que está guardada no pequeno amuleto escondido dá-lhe algum conforto.

O movimento não passa despercebido a Monika.

— És suficientemente capaz disso e de muito mais. O teu primo que vá à merda.

Andreas ri-se.

— Que indelicadeza, uma senhora da alta sociedade a dizer asneiras — graceja.

— O que aconteceria ao mundo se houvesse mais assim!

Ficam mais uns segundos em silêncio, a olhar para a capital mergulhada nas luzes azul-claras da cidade.

— Eu sei que exagerei ao jantar. Mas, por favor, tem cuidado com os passeios na floresta. Não é assim tão invulgar as explosões das bombas de bruxo. Conheces o trabalho do meu irmão...

— Vou manter-me nos caminhos assinalados, prometo. Alguma coisa que ocorra, eu digo-te.

— Incluindo se encontrares o teu vampiro da Noite das Luzes.

— Conto-te tudo. Vais ficar farta de mim com os telefonemas diários.

— Vou ter saudades tuas.

— E eu tuas, minha fantástica amiga. Obrigado por tudo.

\* \* \*

O comboio sai da Estação Central atulhado de pessoas e malas. No verão, muitos passageiros procuram uma das várias paragens da zona litoral do país para descansar, respirar ar puro e aproveitar as atrações turísticas.

Andreas está encostado à janela. Tenta conter um bocejo. Está habituado a acordar cedo, no entanto, despertar às cinco da manhã é, na sua opinião, uma violência tremenda. Principalmente depois do jantar do dia anterior. Oliver tinha conseguido arrastá-los até a alguns bares da zona, antes de ter desaparecido ao encontrar uma antiga namorada.

Pensativo, roda a argola de ouro que lhe pende da orelha esquerda. Tem o cabelo negro, profundamente escuro e impossivelmente bem cuidado, amarrado numa trança. Como qualquer bruxo que se preze, usa e abusa da maquilhagem sempre que pode, através de poções e magia. Para a viagem, escolheu tons azuis, com umas estrelas brilhantes junto aos olhos dourados, realçando-os.

Encosta-se no banco, perdido nas imagens que lhe surgem à frente. Não quer perder um momento da viagem. À medida que a paisagem muda, desaparecendo o mar para dar lugar à floresta, o número de passageiros diminui. A maior parte dos bruxos já tinha saído, sobrando alguns lobisomens, fadas e meia dúzia de vampiros.

Passa por um túnel comprido, esculpido recentemente na vasta cordilheira. Depois de uns breves minutos na escuridão, iluminado

apenas pelo suave candeeiro ambarino do comboio, rompe a luz solar do outro lado da montanha.

Aproxima-se de Ganandrya, plantada numa zona montanhosa, pouco acessível.

Andreas não censura os vampiros por, mesmo depois da unificação do país, se terem posto de parte, no seu canto. Para isso, contribuíram as guerras entre bruxos e vampiros, e a maldição lançada pelos bruxos. Só com a revolta e a queda da monarquia é que essa maldição foi proibida. Também Andreas teria motivos para ficar desconfiado, se soubesse que existiam seres capazes de o controlar, se o desejassem.

Com a aproximação ao destino, Andreas aproveita para pegar nos cadernos que traz na mala de tiracolo, sempre presente. É retangular e muito rígida, com a aparência de só conseguir aguentar com quatro livros. Contudo, aquela bolsa dourada tem mais do que se lhe diga. Na verdade, suporta até vinte quilos no total, dispersados num aparente buraco sem fundo.

Retira de lá a proposta que o faz estar naquele comboio. *Caso de estudo na criação de maldições — Ganandrya*. Era a que tinha guardada na gaveta, sem coragem para a tirar, até que apareceu o vampiro, às portas da faculdade. Foi há oito meses, porém, parecia ter sido há uma eternidade.

Andreas teoriza que, sendo a vila mais amaldiçoada do país, será um excelente ponto de partida para o estudo aprofundado da fauna e flora sobre maldições antigas, e como as resolver. Para Andreas, aquela temível maldição significa que Ganandrya deverá ter poderosos ingredientes mágicos que podem ser usados em maldições e, o que lhe interessa, possíveis antídotos.

Distraído nos seus pensamentos, demora algum tempo até perceber que o seu peito está a ficar quente. O botão do topo do colete está a brilhar e começa a lançar uns pequenos raios esbranquiçados. Ouve-se som de estática, como se fosse um gramofone avariado.

Mal se apercebe, dá um salto no assento. Rapidamente, faz uns pequenos floreos com a mão. O botão torna-se num amuleto baço, que cai para a palma da sua mão.

*Que raio se passa contigo?*, pensa. Vira-o, tentando procurar alguma coisa que pudesse justificar aquele comportamento. Abre a mala, de forma apressada, para retirar uma poção que o ajudasse, deixando cair algumas coisas. Consegue apanhar um pequeno frasco que tinha começado a rebolar.

— Próxima paragem: Ganandrya — anuncia o intercomunicador.

Andreas pega em tudo o que caiu, e volta a pôr o amuleto no local do primeiro botão. Não deve ser nada de importante. Veste o casaco, apesar de estar demasiado quente, e prepara-se para sair.

## II



**P**assa da hora do almoço quando o telefone acorda Bernart. O pesadelo que o tinha atormentado durante a noite esfuma-se. Ignora a dor de cabeça, e, de olhos ainda fechados, arrasta-se até à entrada do apartamento para atender o telefone.

— Bom dia, Café Clara, com... — começa a dizer de forma automática, até ouvir uma gargalhada do outro lado, que o desperta. Do outro lado está Natalie, a rir-se. — Nat, hoje é o meu dia de folga — resmunga, passando a mão livre pelo cabelo castanho-arruivado.

— Não parece — diz, entre gargalhadas.

— O que queres?

— Ouvi dizer que um bruxo chegou à vila — diz ela num tom de falsa indiferença. Espera por uma resposta de Bernart, que vem numa forma de grunhido. — Eu disse que um bruxo chegou à vil...

— Eu ouvi da primeira vez — diz Bernart, coçando a barba curta, que nunca desfaz, sem grande paciência para discutir assuntos de bruxaria antes de tomar um café. As palavras de Natalie, de repente, atropelam-se dentro dele. Um bruxo podia significar problemas. — Aconteceu alguma explosão de noite? Algum ferido ou morto?

— Ah, não é *desses* bruxos. Acho que é apenas um excêntrico que vai viver para uma daquelas casas mais modernas. Creio que da velha Gerdra.

— Foi para isto que telef. . .

— Não. — Natalie não o deixa terminar a frase. — Isso foi só para fazer conversa. Preciso de ti no café. A mulher do Jacob entrou em trabalho de parto antes do esperado, por isso, deixei-o ir até à clínica ver a criança nascer. Preciso de ajuda.

Bernart quase deixa cair o telefone.

— A mulher do Jacob! — Agora está completamente desperto. — E porque não começaste logo a conversa com isso?

— Não fui eu quem começei a conversa a dizer disparates — limita-se a dizer, desligando a chamada.

Assim que desliga, pequenas chispas coloridas saem do auscultador. Por entre a irritação, Bernart faz uma nota mental. Quando pudesse, iria trocar a tecnologia do telefone para electricidade. Aquela magia de fadas ainda ia deitar fogo à parede.

\*\*\*

O Café Clara fica no centro histórico de Ganandrya. À direita, unido por uma parede, tem como vizinha uma mercearia, gerida por uma velha vampira, chamada Mercedes, bastante simpática e capaz de falar sobre tudo o que se passa na vila. Do lado esquerdo, o café tinha um pátio com meia dúzia de mesas bastante concorridas durante as noites quentes.

Como todos os edifícios do centro, o exterior é de pedra, preservando a fachada antiga. Respira-se cultura vampírica em cada canto, apesar de, durante as guerras travadas, os bruxos terem tentado destruir as partes históricas.

Bernart entra pelas traseiras do café, que dão para a cozinha. A sua irmã Natalie já lá está, profundamente aborrecida.

Nat tem um aspeto invulgar para o que era «normal» na vila. Num dia de irritação com a escova, tinha decidido rapar o lado direito da cabeça. Gostou tanto do resultado que decidiu ficar assim.

É uma das irmãs de Bernart, mais velha, e, tal como ele, tem o cabelo castanho-arruivado e olhos do mesmo tom. Já as sardas, que

pintalgam o nariz do vampiro, é algo que apenas Bernart herdou da mãe.

A *T-shirt* azul-escura de Natalie deixa à mostra os braços cobertos de tatuagens intrincadas, que se misturam umas nas outras, como heras. Era um trabalho belíssimo, feito para esconder as cicatrizes que lhe marcam o corpo, após o incidente que lhe tinha roubado os pais, há muito tempo. O peso das cicatrizes é outra coisa que Bernart tem em comum com ela. No entanto, prefere escondê-las com uma camisola de mangas compridas. Há dias que não consegue sequer olhar para elas sem que a sua mente viaje para o passado, por isso, prefere mantê-las afastadas da vista.

Quando Natalie o vê, arregala os olhos perfeitamente delineados com risco roxo e atira-lhe um avental castanho-escuro.

— Obrigada por teres vindo — diz, com um tom de profundo alívio.

— Está assim tanta gente? Estás parada no meio da cozinha.

— Não. — Nat mete as mãos nas ancas. — Só mesmo uma senhora, lá fora. Mas estava aborrecida por não ter ninguém com quem falar, por isso, vim até aqui esperar por ti.

— Nem vou comentar teres-me arrancado da cama no meu dia de folga para dar dois dedos de conversa — diz Bernart, enquanto apertava o avental. — Se era para isso, dizias à Sara.

— Ela arranjou namorado — diz, parecendo emocionada. — O Raul. São tão perfeitos os dois, não vou destruir um amor de juventude — Bernart revira os olhos. — E, a bem dizer, nunca se sabe quando é que podem aparecer pessoas — diz ela num tom que pretende sinistro.

— Nat, é agosto — Bernart resmungua. — Não acontece nada de extraordinário neste mês em Ganandrya — diz, dirigindo-se para a porta que dava para o café.

\* \* \*

Andreas chega à sua nova casa em menos de nada. No entanto, não fica muito tempo a familiarizar-se com o poiso. Precisa de se despachar para o dia, que será atulhado de coisas para fazer. Está demasiado acelerado para se limitar a ficar a ver as vistas e a assentar.

Conhece a senhoria por alto, uma vampira que deve ter uns 160 anos, cheia de genica. Combina passar por lá ao final do dia para delinear as últimas regras da casa, e depois de um banho, Andreas apanha um novo táxi para uma reunião no Centro de Investigação de Magia Vampírica e Preservação Histórica de Vardedrya.

Ao retornar a Ganandrya, no final do dia, tem ainda algum tempo para explorar a biblioteca, que fica no antigo castelo da vila. Assim, depois de a percorrer, Andreas sai de lá com dez livros debaixo do braço.

Olha para o relógio. São 17 horas e sente fome.

Ao descer a rua, repara num café chamado Clara e nem hesita em entrar.



### III



— **A**cho que é o bruxo — avisa Natalie. — Pelo menos, de acordo com a descrição que obtive.

Bernart faz-se de desinteressado, mas não consegue evitar alguma pressão no peito. Depois, abana a cabeça. *É só um cliente, acalma-te, Bernart.*

— Desculpa — diz Natalie, quando se apercebe de que o irmão ficou tenso. — Se quiseres, podes ficar aqui no balcão e eu trato dele.

— Disparate — murmura ele, dirigindo-se à mesa. — Se tivesse de evitar todos os bruxos que aparecem, nunca mais saíamos daqui.

Caminha em direção à mesa do bruxo, que está soterrada de livros e cadernos. Não era nada do que tinha imaginado quando Natalie lhe falou sobre a chegada de um bruxo à vila. Os que costumam surgir, geralmente, ficam por pouco tempo, envergam roupa oficial da Fundação Vird, de que fazem parte, e ostentam sempre estranhos sorrisos. Aquele parece estar mais preocupado em olhar para o livro que tem à frente, não se apercebendo de que Bernart estava ao pé dele.

— Boa tarde. Posso ajudar?

— Boa tarde — responde Andreas, alheado, sem olhar para ele.

Depois de alguns segundos sem resposta, Bernart entrega a ementa com um meio sorriso forçado.

— Isto é o que temos, pode escolher à vontade, eu volto j...

— Qual é a sugestão do dia? — interrompe, olhando para Bernart pela primeira vez. Os olhos dourados do bruxo são intensos e penetrantes. Faz um sorriso. — Sou novo aqui e quero experimentar o melhor que o café tem para oferecer. Algo doce, estou virado para os bolos.

— Temos um bolo de urtigas feito hoje. Case...

— Caseiro? Parece-me bem! E têm chá?

Mais uma interrupção. Bernart inspira outra vez.

— Temos vários. Como pode ver na ementa, temos chá de canela e chá d...

— Pode ser esse, de canela — pede Andreas, entregando a ementa, que não abriu. O olhar fica de novo perdido no que estava a ler. — E, por enquanto, é isso. Obrigado!

Bernart acena com a cabeça voltada para o balcão onde Nat o espera, expectante.

— Que tal?

Bernart responde com um revirar de olhos. Pelo menos, não é exigente.

\*\*\*

Andreas tem na mão um guia extremamente detalhado, que descreve as várias espécies de plantas de Ganandrya. Planeia com cuidado o que quer fazer, enquanto devora o bolo e bebe o chá. Apenas tinha petiscado durante o dia, e aquilo parecia-lhe a melhor coisa que tinha comido na vida.

— Posso levantar? — pergunta Bernart, apontando para o prato vazio.

— Sim, claro — obriga-se a desviar a atenção do livro. — Obrigado, estava muito bom. Pode trazer outra fatia?

— Claro que sim. Já trago outra.

— Posso perguntar uma coisa, senhor...? — pede Andreas.

— Bernart.

— Senhor Bernart — repete Andreas, num tom respeitoso que Bernart estranha. Os bruxos raramente lhe concedem isso.

— Apenas Bernart é o suficiente — assegura o vampiro.

— O meu nome é Andreas — diz. Tira um mapa de baixo do conjunto de livros que tinha espalhados na mesa. — Estes locais aqui — aponta — são fáceis de trilhar?

Bernart aproxima-se do mapa e de Andreas, que dá por si a inspirar o odor a floresta do vampiro. Os olhos dele são de um castanho-avelã, e o sol de fim de tarde que atravessava a janela dava vida aos reflexos avermelhados do cabelo. Consegue ver os dentes a despontar ligeiramente da boca.

— Sim — responde Bernart. — Esta zona aqui... posso? — aponta para o lápis que Andreas segura na mão. Andreas anui, e sente o breve toque dos dedos do vampiro ao dar-lho. — Esta zona aqui — repete, fazendo um círculo no caminho — é acessível a qualquer pessoa. O caminho só termina aqui — faz um X. — Aqui é o início de zonas em que não é possível caminhar. Creio que numa primeira incursão à floresta, aconselharia estes trilhos — volta a assinalar algo no mapa.

Enquanto Bernart explica, Andreas repara no que pareciam ser as pontas de cicatrizes no pescoço. Bernart muda de posição e elas deixam de ser visíveis. Andreas olha discretamente para Natalie e repara, pela primeira vez, nas cicatrizes dela, também de magia, mas tapadas por tatuagens.

— Vai ver as vistas? — pergunta Bernart, quando termina, entregando-lhe o lápis.

— Não — responde Andreas, esquecendo-se do assunto das cicatrizes. Tem coisas mais importantes em que se focar. — Estou à procura de alguma flora específica de Ganandrya. Sou um bruxo que estuda maldições, e, tendo em conta a fama desta vila e a flora que nasce aqui, quero recolher e investigar o máximo possível.

— Maldições? — pergunta Bernart, com um tom diferente do cordial que Andreas tinha ouvido. Sente-se subitamente a ser analisado pelo vampiro Bernart, quer dizer algo, mas é interrompido.

Do colete de Andreas, começam a surgir faíscas. Andreas tenta pegar no amuleto disfarçado de botão, no entanto, antes que possa fazer alguma coisa, aquilo sai disparado e começa a rodar no ar.

— O que raio? — pergunta Natalie, atraída pelo som da explosão.

Bernart fica lívido. Afasta-se, sem desviar o olhar daquele medalhão bizarro que rodopia sobre si mesmo no ar.

— Não se preocupem, eu resolvo isto! Não vai acontecer nada — promete Andreas, subindo para a mesa e aproximando-se do medalhão, que aumenta perigosamente a velocidade dos rodopios.

Andreas tenta pegar no medalhão, porém depressa o larga. O metal ferve ao entrar em contacto com a sua pele.

Salta para o chão e espalha em cima da mesa grande parte do conteúdo da sua mala. Entre um livro e uma peúga que não sabia como tinha chegado até ali, encontra uma luva grossa que parece feita de escamas.

Trepa de novo para a mesa e fecha os dedos à volta do medalhão. Já não o sente quente, com a mão protegida pela luva. Contudo, ao agarrar e impedir o medalhão de girar, a energia acumulada espalha-se por entre as frinchas dos dedos.

Uma mesa do canto da sala, felizmente vazia, é atingida. A parede ao lado da porta que dá para a cozinha fica chamuscada, e ouve o chão a rachar na outra ponta do café. Natalie desvia-se mesmo a tempo de um raio que ia na sua direção, e acaba por partir um quadro atrás de si.

A custo, Andreas consegue puxar o medalhão para si. Leva-o em direção aos lábios e murmura pequenas palavras de encantamento. Depressa, o medalhão fica inerte e Andreas volta a encaixá-lo no colete.

Ao descer da mesa, Andreas dá conta da dimensão dos estragos. Natalie sai do balcão, bastante furiosa. Alguns curiosos olham pela janela do café, abismados.

— Peço desculpa — murmura para ninguém em particular.

— Eu posso pagar.

Bernart aparece no seu ângulo de visão. Pega nas coisas de Andreas, com calma, e guarda-as no saco. Entrega-o, também calmamente, ao bruxo.

— Lamento muito — diz Andreas.

— Agradecemos a escolha, mas agora queira fazer o favor de sair — diz Bernart de forma mecânica e controlada.

— Eu peço desculpa, eu posso pagar — insiste.

— Por favor, queira sair — aponta para a saída. — De forma permanente — completa, silenciando Andreas.

Andreas acena com a cabeça. Põe a mala a tiracolo, e sai a passos largos, ignorando as pessoas que o observam na rua.

«LEMBRAVA-SE DO MEDO, DA VERGONHA,  
DA CULPA. LEMBRAVA-SE DAS COISAS DE QUE  
NÃO SE QUERIA LEMBRAR. DO SABOR A TERRA,  
DO AR IRRESPIRÁVEL.

LEMBRAVA-SE DA MAGIA DE SABOR A SANGUE.»



Bruxos e vampiros não convivem. Bruxos e vampiros são a antítese uns dos outros. Uns são aristocratas, os outros são perigosos. Os bruxos são o espelho da sociedade: ricos, brilhantes, cultos; os vampiros estão no fim da cadeia, são vergonhosos, animais. Mas será que é mesmo assim?

Quando Andreas rumo a Ganandrya, uma vila vampírica, para iniciar uma investigação científica relacionada com maldições, conhece Bernart, e ele parece tudo menos perigoso. Na verdade, é o oposto: parece vulnerável, triste e misterioso. Além disso, as cicatrizes nos braços, que tenta esconder, contam uma história que Andreas está determinado a conhecer.

Sem o esperar, Andreas dá por si envolvido num mistério maior do que poderia imaginar — e num amor que o deixará completamente rendido.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)

 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789897847509



9 789897 847509 >